

1854 LOUISA MAY ALCOTT

O Rei Gélido



TRADUÇÃO DE CRISTINA CASAGRANDE

(SRL)



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A PRESENTE OBRA É DISPONIBILIZADA PELA EQUIPE LE LIVROS E SEUS DIVERSOS PARCEIROS, COM O OBJETIVO DE OFERECER CONTEÚDO PARA USO PARCIAL EM PESQUISAS E ESTUDOS ACADÊMICOS, BEM COMO O SIMPLES TESTE DA QUALIDADE DA OBRA, COM O FIM EXCLUSIVO DE COMPRA FUTURA. É EXPRESSAMENTE PROIBIDA E TOTALMENTE REPUDIÁVEL A VENDA, ALUGUEL, OU QUAISQUER USO COMERCIAL DO PRESENTE CONTEÚDO

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O LE LIVROS E SEUS PARCEIROS DISPONIBILIZAM CONTEÚDO DE DOMÍNIO PÚBLICO E PROPRIEDADE INTELECTUAL DE FORMA TOTALMENTE GRATUITA, POR ACREDITAR QUE O CONHECIMENTO E A EDUCAÇÃO DEVEM SER ACESSÍVEIS E LIVRES A TODA E QUALQUER PESSOA. VOCÊ PODE ENCONTRAR MAIS OBRAS EM NOSSO SITE: LELIVROS.LOVE OU EM QUALQUER UM DOS SITES PARCEIROS APRESENTADOS NESTE LINK.

**"QUANDO O MUNDO ESTIVER
UNIDO NA BUSCA DO
CONHECIMENTO, E NÃO MAIS
LUTANDO POR DINHEIRO E
PODER, ENTÃO NOSSA
SOCIEDADE PODERÁ ENFIM
EVOLUIR A UM NOVO NÍVEL."**





Sociedade DAS Relíquias Literárias

BY EDITORA WISH

Tradução:

Cristina Casagrande

Preparação:

Meggie Monauar

Revisão:

Camilla Mayeda Araki

Capa e projeto gráfico:

Marina Avila

Ilustração de capa:

Débora Mini

Ilustrações do miolo:

Culmer Barnes e algumas não creditadas

2021 ISBN 978-65-88218-55-6

Copyright 2021 Editora Wish. Este material possui direitos de tradução e publicação e não pode ser distribuído ou divulgado sem prévia autorização da editora.



Sinopse

**Um perfeito conto de fadas,
escrito por Louisa May Alcott,
autora de *Mulherzinhas*, quando
tinha apenas 16 anos.**

A monarca do reino das fadas passava boa parte de seu tempo tentando convencer o Rei Gélido a não matar as belas flores que cultivavam, pois elas tinham um coração tanto quanto qualquer outro ser vivo. A este desejo, no entanto, ele nunca cedeu, e continuava a ordenar que seus Espíritos destruíssem as belas flores.

CONTINUAÇÃO...

A rainha já estava sem esperanças quando Violet se apresenta com o pedido inusitado de ir até o Rei Gélido, para convencê-lo com o poder do amor... Será Violet capaz de descongelar as terras frias sem cor?

**Original: *The Frost-King;
or, the Power of Love***



NO PRÓXIMO MÊS...


Conto de outubro

Um suspense de H. G. Wells para
o Halloween!

E-book semestral

Uma aventura de piratas com
mais de 115 mil palavras!

Enviado por e-mail em Mobi
(Kindle) e PDF para todos os
assinantes da SRL.



O Rei Gélido

Louisa May Alcott, 1854

FÁBULAS DE FLORES

A lua de verão brilhou forte sobre a Terra adormecida, enquanto longe dos olhos mortais dançava o povo das Fadas. Vaga-lumes se penduravam em cachos brilhantes sobre as folhas orvalhadas, que flutuavam no fresco vento noturno; e as flores observavam, com muita admiração, os pequenos Elfos, que se deitavam por entre as folhas das samambaias, balançavam nos galhos da videira, navegavam no lago entre os lírios do vale ou dançavam no solo musgoso ao som das campânulas, que tocavam seus repiques mais alegres em homenagem à noite.

Sob a sombra de uma rosa selvagem, sentavam-se a Rainha e suas pequenas Damas de Honra, ao lado do cogumelo prateado onde o banquete era servido.

— Agora, meus amigos — disse ela —, até que a brilhante lua desapareça, vamos cada um narrar um conto ou relatar o que fizemos ou aprendemos neste dia. Vamos começar com você, Cachos Ensolarados — acrescentou se voltando a um adorável pequeno Elfo, que estava deitado entre as perfumadas folhas de uma prímula.

Com um sorriso alegre, Cachos Ensolarados começou sua estória.

— Enquanto eu pintava as brilhantes pétalas de um jacinto azul, ele me narrou este conto.



O REI GÉLIDO; OU, O PODER DO AMOR

Três pequenas Fadas se sentaram nos campos para tomar o desjejum: cada uma entre as folhas de sua flor favorita, Margarida, Prímula e Violeta estavam felizes como as Elfas devem estar.

O vento da manhã gentilmente as balançava para lá e para cá, e o sol brilhava calorosamente sobre a grama orvalhada, onde as borboletas estendiam suas alegres asas e as abelhas com suas vozes profundas cantavam por entre as flores; enquanto os passarinhos saltitavam contentes, prestes a espiá-las.

Em um cogumelo prateado, espalhava-se o desjejum: bolinhos de pó de flores repousavam sobre uma folha verde e larga, além de um morango carmesim, com o açúcar da violeta e o creme da serralha amarela, compunham a refeição feérica, e sua bebida era o orvalho das folhas brilhantes das flores.

— Minha nossa — balbuciou Prímula, voltando-se languidamente para trás —, como está quente o sol! Dê-me outro pedaço de morango, e em seguida devo ir para a sombra das samambaias. Mas enquanto eu como, conte-me, querida Violeta, por que você está tão triste? Quase não vi um rosto feliz desde meu retorno da Terra da Rosa. Querida amiga, o que significa isso?

— Eu vou lhe contar — respondeu a pequena Violeta, as lágrimas se acumulando em seus ternos olhos. — Nossa boa Rainha está sempre se empenhando para manter as queridas flores longe do poder do cruel Rei Gélido; ela tentou de várias maneiras, mas nenhuma deu certo. Enviou mensageiras para a corte dele com presentes caros, mas todas retornaram doentes por falta de sol, fatigadas e tristes; nós as tratamos, embaixo de sol e chuva, mas ainda assim os espíritos sombrios dele fizeram seu trabalho, e restou para nós prantear sobre nossas flores arruinadas. Assim temos lutado, e em vão; e, nesta noite, nossa Rainha realizará um conselho pela última vez. Portanto estamos tristes, querida Prímula, pois ela tem labutado e cuidado de nós, e não podemos fazer nada para ajudá-la ou aconselhá-la agora.

— É de fato uma coisa cruel — respondeu a amiga —, mas se não podemos ajudar, devemos sofrer pacientemente e não deixar que as amarguras dos outros perturbem nossa felicidade. Mas, queridas irmãs, vocês não estão vendo o quão forte está ficando o sol? Preciso enrolar minhas mechas e preparar minha túnica para a noite; portanto, devo ir ou vou ficar marrom como uma folha seca

nesta luz quente. — Então, pegando um pequeno cogumelo como sombrinha, Prímula foi embora; Margarida logo a seguiu, e Violeta ficou sozinha.

Então, ela estendeu a mesa de novo e destemidamente chegaram as ocupadas formiga e abelha, os contentes pássaro e borboleta; nem mesmo a pobre toupeira cega e a humilde minhoca foram esquecidas. Com palavras gentis, Violeta alimentou todos eles, enquanto cada um aprendia algo com a bondosa professorinha; e o amor que fez seu coração brilhar reluziu igualmente em todos.

A formiga e a abelha aprenderam sobre a generosidade, a borboleta e o pássaro, sobre o contentamento, a toupeira e a minhoca, sobre a confiança no amor dos outros; e cada um foi para casa melhor do que quando chegou para o breve encontro com Violeta.

A noite chegou, e com ela, as tropas de Elfos para aconselhar a boa Rainha, que, sentada em seu trono musgoso, olhou ansiosamente para a multidão abaixo, cujas asas luminosas e túnicas farfalhantes cintilavam como várias flores multicoloridas.

Por fim, ela se levantou e, em meio a um silêncio profundo, falou assim:

— Queridas crianças, não vamos nos cansar de fazer um bom trabalho, mesmo que seja duro e fatigante. Pensem nos muitos coraçõezinhos, que, em sua tristeza, nos procuram para obter ajuda. O que seria da Terra Verde sem suas adoráveis flores? E que lar solitário para nós! A beleza delas preenche nossos corações com esplendor, e seu amor com ternos pensamentos. Podemos deixá-las morrer desassistidas e sozinhas? Elas dão tudo de si para nós; não devemos trabalhar incansavelmente para que possam florescer em paz em seus lares tranquilos? Tentamos ganhar o amor do severo Rei Gélido, mas foi em vão: seu coração é duro, assim como sua terra gelada; nenhum amor pode comovê-lo, nenhuma bondade o traz de volta à luz do sol e à alegria. Como então poderemos proteger nossas frágeis flores desses espíritos cruéis? Quem nos dará conselhos? Quem será nossa mensageira pela última vez? Falem, meus súditos.

Então, um grande murmúrio surgiu, e vários deles falaram; alguns, sobre presentes caros; outros, sobre guerra; os temerosos

aconselharam paciência e submissão.

Longa e avidamente falaram, e suas vozes suaves se elevaram.

Então, a doce música soou no ar e os altos tons cessaram; em um admirável silêncio, as Fadas aguardavam o que poderia vir.

Através da multidão, veio uma pequena figura, uma coroa de puras violetas brancas repousando entre os radiantes cachos que caíam tão suavemente em torno do rosto gentil, onde um profundo rubor ardeu, e ao se ajoelhar diante do trono, a pequena Violeta falou:

— Querida Rainha, nós nos curvamos ao poder do Rei Gélido, transportamos presentes ao seu orgulho, mas fomos até ele com confiança e falamos sem temor sobre seus feitos malignos? Derramamos a suave luz do infatigável amor em seu coração frio e, com paciente ternura, mostramos a ele como o brilhante e belo amor pode vencer até mesmo o quinhão mais sombrio? Nossas mensageiras partiram cheias de medo, e com olhares frios e palavras corteses ofereceram-lhe ricos presentes, coisas com que ele não se importou e com igual orgulho nos devolveu. Então, deixai-me, a mais fraca de sua companhia, ir até ele, confiante no amor que sei que jaz escondido no mais frio coração. Portarei apenas uma guirlanda de nossas mais belas flores; elas ventarão sobre ele, e seus rostos brilhantes, olhando-o amavelmente, trarão doces pensamentos à sua mente sombria, e a suave respiração delas se moverá furtiva como palavras gentis. Então, quando ele as vir desaparecendo em seu peito, não suspirará profundamente por não haver calor ali para mantê-las frescas e amáveis? Isso eu farei, querida Rainha, e não irei jamais deixar o lar soturno até que a luz do sol desça sobre as flores tal como faz com aquelas que desabrocham em nossa querida terra.

A Rainha ouviu tudo em silêncio. Em seguida, ergueu e pôs a mão sobre a cabeça da pequena Violeta, dizendo enquanto se voltava para a multidão:

— Nós, com nosso orgulho e poder, erramos, ao passo que esta, a mais fraca e mais humilde entre nossos súditos, da inocência de seu puro coração nos aconselhou mais sabiamente do que o mais nobre de nosso séquito. Todos que irão ajudar nossa brava pequena mensageira, levantem as varinhas, para que

possamos saber quem irá depositar sua confiança no Poder do Amor.

Todas as varinhas das fadas reluziram no ar, como vozes prateadas, e elas gritaram:

— Amor e pequena Violeta!

De mãos dadas, a Rainha e Violeta desceram do trono; e, até que a lua afundasse, as Fadas trabalharam muito para costurar uma coroa das mais belas flores. Com ternura, as recolheram, cobertas pelo fresco orvalho da noite em suas folhas, e conforme teciam, cantavam doces encantamentos e sussurravam bênçãos feéricas sobre as mensageiras brilhantes, as quais enviavam para morrer em uma terra soturna, para que sua boa gente pudesse florescer ilesa.

Enfim a coroa ficou pronta, e as belas flores repousavam resplandecentes sob a luz das estrelas, enquanto ao lado delas estavam as Fadas, cantando ao som das harpas no vento:

“Enviamo-las, caras flores
Fadadas a morrer,
Suas irmãs não podem chorar
Por vê-las perecer;
Mas lhes trarão renascimento
Onde habitam na vida,
E assim sorrindo suavemente,
Tristes, em despedida
Implorem com vozes gentis,
E sussurros suaves
Do amor doce ao frio coração,
E ele há de responder;
E embora sumam tristemente,
Com muito amor dirão
Da paz e alegria conquistadas:
E as flores se despedirão!”

O sol da manhã desceu suavemente sobre a vasta Terra Verde, qual um poderoso altar enviando nuvens de perfume a partir de seu peito, enquanto as flores dançavam alegres ao vento de verão, e os pássaros cantavam os hinos matinais por entre as folhas verdes e frescas. Então, bem no alto, com asas brilhantes, surgiu uma pequena figura. A luz do sol repousou suavemente em seus

cabelos sedosos, e os ventos sopraram com amor pelo seu rosto iluminado, trazendo os mais doces aromas para animá-la.



The Frost King's Palace.

Veio Violeta através do ar límpido, a Terra olhava sorrindo para ela, enquanto, com a coroa cintilante presa nos braços, ela voava por entre as nuvens macias e brancas.

Ela voou mais e mais sobre colinas e vales, largos rios e florestas farfalhantes, até que o calor do sol se foi, os ventos ficaram mais frios, o ar espesso, e a neve começou a cair. Longe e abaixo, ela viu a casa do Rei Gélido. Pilares de gelo cinza e duro sustentavam o telhado alto e arqueado, de onde se penduravam pingentes de cristais de gelo. Jardins soturnos jaziam ao redor, permeados de flores murchas e árvores despidas e vergadas. As nuvens carregadas se suspendiam baixas no céu escuro, e um vento frio murmurava tristemente no ar invernal.

Com o coração batendo forte, Violeta segurou sua desvanecente coroa mais perto do peito e, com fatigadas asas, voou em direção ao soturno palácio.

Ali, diante das portas fechadas, havia muitas figuras de rostos sombrios e vozes ásperas e dissonantes, que muito severas perguntaram à trêmula Fadinha por que se aproximava.

Gentilmente, ela respondeu, contando sobre sua incumbência, suplicando a eles para que a deixassem entrar, antes que o vento frio destruísse suas frágeis flores. Então, eles escancararam as portas, e ela entrou.

Paredes enregeladas, entalhadas com estranhas figuras estavam ao seu redor; cristais de gelos brilhantes pendurados no alto teto, e neves brancas e macias cobriam os chãos duros. Em um trono com nuvens, estava sentado o Rei Gélido; uma coroa de cristais prendia seus cachos brancos e um manto escuro trabalhado com delicada geada pousava junto a seu peito frio.

Seu severo rosto não podia deter a pequena Violeta, que através do longo salão se aproximava, indiferente à neve que se acumulava sobre seus pés e ao terrível vento que soprava ao seu redor. O Rei, com olhos admirados, via a luz dourada que interagira com as escuras paredes conforme ela passava.

As flores, como se soubessem de sua parte, abriram suas folhas brilhantes e derramaram seu mais doce perfume, enquanto, ajoelhando-se diante do trono, a corajosa Fadinha disse:

— Oh, Rei da praga e do pesar, não me deixeis partir até que eu tenha trazido de volta a luz e a alegria que farão vossa sombria

casa bela e irradiante novamente. Deixai-me chamar de volta aos jardins desolados as lindas formas que se foram, e suas suaves vozes, ao abençoar-vos, irão trazer ao vosso peito uma alegria sem fim. Lançai vossa coroa e cetro glaciais e deixai a amorosa luz do sol cair suavemente em vosso coração. Então a Terra irá florescer novamente em toda sua beleza, e vossos olhos turvos irão repousar apenas em belas formas, enquanto a música irá soar através desses soturnos salões e o amor dos corações agradecidos será vosso. Tende piedade dos espíritos gentis das flores e não as condeneis a uma morte precoce, quando elas devem florescer em uma beleza indestrutível, fazendo-nos mais sábios com seus gentis ensinamentos e a Terra mais vibrante por suas formas amáveis. Essas formosas flores, com as preces de toda a Terra das Fadas, deixo diante de vós. Oh, não me envieis de volta até que elas sejam atendidas.

E, com lágrimas caindo espessas e rápidas em suas macias folhas, Violeta deixou a coroa aos pés do Rei, enquanto a luz dourada ia ficando mais brilhante ao se derramar sobre a pequena figura que tão humildemente ali se ajoelhava.

O rosto severo do Rei abrandou-se ao observar a gentil Fada, e as flores pareciam olhar para ele em súplica, conforme suas vozes fragrantes soavam suaves ao seu ouvido, contando sobre suas irmãs moribundas e a alegria que lhes dava trazer felicidade aos fracos e sofredores. Mas ele aproximou o escuro manto do peito e respondeu friamente:

— Eu não posso atender à tua prece, pequena Fada. É de minha vontade que as flores morram. Volta para tua Rainha e conta a ela que não posso renunciar ao meu poder para agradar a essas tolas flores.

Então, Violeta pendurou a coroa sobre o trono e com os pés exaustos avançou novamente para os jardins frios e escuros, e as sombras douradas a seguiam, e onde quer que caíssem, as flores desabrochavam e as folhas verdes farfalhavam.

Vieram os Espíritos Gélidos, e sob suas frias asas as flores morriam, enquanto eles levavam Violeta para uma cela baixa e escura, dizendo, ao deixá-la, que o Rei estava bravo por ela ter ousado ficar quando ele lhe havia ordenado partir.

Então, completamente só, ela se sentou. Pensamentos tristes de seu alegre lar lhe ocorreram, e ela chorou amargamente. Mas, de súbito, Violeta foi tomada por visões das gentis flores morrendo em seus lares silvestres, e suas vozes zunindo em seus ouvidos, implorando-lhe que as salvasse. Então, ela parou de chorar, e pacientemente aguardou o que poderia acontecer.

A luz dourada entrou indistintamente através da cela, e ela escutou vozinhas lhe pedindo ajuda, e, bem no alto, entre as pesadas teias de aranha, pendiam pobres mosquinhas lutando para se libertarem, enquanto suas cruéis inimigas sentavam-se em suas redes, assistindo à sua dor.

Com sua varinha, a Fada rompeu as faixas que as prendiam, e com ternura amarrou suas asas quebradas e curou suas feridas; enquanto isso, elas se deitaram sob a luz quente e cantarolaram fraquinho agradecimentos à sua bondosa libertadora.

Violeta se dirigiu às feias aranhas marrons e, com palavras gentis, contou-lhes como na Terra das Fadas suas parentes fiavam todo o tecido élfico e, em retribuição, as Fadas lhes davam comida, e o quão feliz elas viviam entre as folhas verdes, fiando vestes aos seus vizinhos.

— E vocês também — disse ela — fiarão para mim, e eu lhes darei melhor comida do que os mais indefesos insetos. Vocês devem viver em paz e fiar fios delicados em um manto para o severo Rei; e eu irei tecer fios dourados em meio ao cinza, para que, quando envolvidos sobre seu coração frio, pensamentos gentis possam entrar nele e fazer dele seu lar.

Enquanto ela cantava alegremente, as pequenas tecelãs fiavam seus fios de seda, as moscas em asas brilhantes voavam amavelmente sobre sua cabeça e, sobre todas as coisas, a luz dourada irradiava de maneira suave.

Quando os Espíritos Gélidos contaram ao Rei, ele se espantou, e então, secretamente, passou a vigiar o pequeno cômodo ensolarado, onde amigos e inimigos trabalhavam em pacífica união. A luz brilhou mais forte e flutuou no ar frio, pairando sobre os jardins soturnos, onde nem todo o poder dos Espíritos podia guiar; e as folhas verdes brotavam nas árvores nuas e as flores desabrochavam, mas os Espíritos amontoavam neve sobre elas, que reclinavam a cabeça e morriam.

Por fim, o manto ficou pronto: entre os fios cinzentos brilhavam os dourados, fazendo-o reluzir. Violeta o enviou ao Rei, implorando-lhe que o vestisse, pois assim a paz e o amor habitariam em seu peito.

Mas, com desdém, ele o jogou para um lado e ordenou seus Espíritos a levarem-na a uma cela mais fria, nas profundezas da terra; e lá, com palavras ásperas, eles a deixaram.

Ainda assim, ela cantava com alegria, e as gotas que caíam marcavam o tempo de forma tão musical, que o Rei em seus frios salões de gelo se admirava com os sons doces e sutis que lhe assaltavam.

Violeta então se estabeleceu, e a luz dourada brilhava cada vez mais forte. Dentre as fendas das paredes rochosas, saíram tropas de pequenas toupeiras revestidas de veludo, rogando que pudessem ouvir a doce música e deitar-se à cálida luz.

— Nós temos levado — disseram — uma triste vida na terra fria. As raízes das flores estão mortas e nenhum orvalho desce até nós para bebermos, nenhuma sementinha ou folha nós conseguimos encontrar. Ah, bondosa Fada, deixe-nos ser seus servos: dê-nos apenas algumas migalhas de seu pão diário, e nós faremos tudo o que pudermos para servi-la.

Violeta disse “Sim”; e então, dia após dia, eles trabalharam para fazer um caminho através da terra congelada, para que pudesse alcançar a raiz das flores murchas. Não demorou para que, por onde ela passasse nas galerias escuras, a suave luz caísse sobre as raízes das flores, e elas, com sua nova vida, se espalhassem pelo solo quente e enviassem seiva fresca para as flores acima. Vibrantes, elas floresciam e dançavam à luz suave, e os Espíritos Gélidos tentavam em vão machucá-las, pois, quando chegavam até as claras nuvens, seu poder de causar o mal os deixava.



BRAVE LITTLE VIOLET KNEELING AT THE FROST-KING'S THRONE.

Do castelo sombrio, o Rei observava as felizes flores, que lhe acenavam prazenteiras, e as doces cores tentavam contar-lhe sobre o bondoso pequeno Espírito que labutava tão piedosamente lá embaixo para que pudessem viver. Quando ele se voltou da claridade exterior para seu suntuoso palácio, tudo parecia tão frio e sombrio, que se enrolou no manto de Violeta e sentou-se diante da coroa desvanecida sobre seu trono entalhado em gelo, indagando-se sobre o estranho calor que vinha dela. Então, ordenou a seus Espíritos que trouxessem a pequena Fada de sua funesta prisão.

Eles voltaram correndo e rogaram a ele que visse o quão adorável a cela escura havia se tornado. O áspero chão estava coberto com grosso musgo verde, e sobre o teto e as paredes cresciam videiras floridas, preenchendo o ar com seu doce hálito; enquanto em cima, brincava a luz suave e clara, lançando sombras rosadas nas gotas cintilantes que jaziam entre as folhas fragrantes; e sob as videiras, estava Violeta, jogando migalhas às felpudas toupeirinhas que corriam sem medo e a ouviam cantar.

Quando o velho Rei viu como mais bela Violeta havia tornado a sombria cela em relação aos aposentos de seu palácio, gentis pensamentos sussurraram-lhe para que atendesse à sua prece e permitisse que a pequena Fada voltasse para seus amigos e seu lar; mas os Espíritos Gélidos sopraram sobre as flores e pediram que visse como eram frágeis e inúteis a um Rei. Então, pensamentos frios e severos voltaram mais uma vez, e ele asperamente ordenou a ela que o seguisse.

Depois de uma triste despedida de seus pequenos amigos, ela o seguiu e, diante do trono, aguardou pelo seu comando. Quando o Rei viu o quão pálido e triste o gentil rosto havia ficado, o quão fina ficou a sua túnica, e frágeis ficaram suas asas, e, mesmo assim, o quão adoráveis as sombras douradas caíam sobre ela e brilhavam conforme pousavam na varinha, que, guiada por um amor paciente, havia tornado tão luminoso seu lar outrora desolado, ele não poderia ser cruel com aquela que tinha feito tanto por ele, e em um tom amável, disse:

— Fadinha, eu te ofereço duas coisas, e tu deves escolher uma. Se eu prometer nunca mais danificar as flores que tu amas, tu retornarás para teu povo e me enviarás com meus Espíritos para exercer nossa vontade sobre todas as outras flores que

desabrocham? A Terra é grande, e nós podemos encontrá-las em qualquer lugar, então por que tu te importarias com o que acontece com outras linhagens se a tua própria está segura? Tu farias isso?

— Ah! — respondeu Violeta com tristeza. — Não sabeis que abaixo das folhas brilhantes das flores bate um pequeno coração que ama e sofre como o nosso? Poderia eu, alheia à sua beleza, fadá-las à dor e ao luto, para que possa salvar minhas próprias queridas flores dos cruéis inimigos, para os quais as deixo? Ah, não! Antes habitar para todo o sempre na vossa mais sombria cela do que perder o amor daqueles corações calorosos e confiantes.

— Então, presta atenção — disse o Rei — na tarefa que eu te dou. Tu deverás erguer para mim um palácio mais belo do que este, e se operares esse milagre, concederei a tua prece ou perderei a minha coroa real. E agora vá em frente e comece a tua tarefa; meus Espíritos não irão machucá-la, e eu esperarei até que ela esteja pronta antes de destruir uma outra flor.

Jardins afora, Violeta seguiu com o coração pesado, pois ela havia trabalhado tanto, que suas forças quase se foram. Mas as flores sussurraram sua gratidão e dobraram as folhas como se a abençoassem; e quando ela viu o jardim repleto de amáveis amigas, que se esforçaram para animá-la e agradecer-lhe por seu cuidado, a coragem e a força retornaram. Erguendo grossas nuvens de névoa, que a esconderam das admiradas flores, sozinha e confiante, ela iniciou seu trabalho.

Conforme o tempo passava, o Rei Gélido temia que a tarefa tivesse sido muito dura para a Fada: ouviam-se sons detrás dos muros de névoas, viam-se imagens luminosas passar ali dentro, mas nunca se ouvia a diminuta voz. Além disso, a luz dourada havia desaparecido do jardim, as flores inclinaram a cabeça e tudo ficou escuro e frio como quando a gentil Fada havia chegado.

Para o severo Rei, sua casa parecia mais desolada e triste: ele sentia falta da luz calorosa, das felizes flores e, acima de tudo, da alegre voz e do rosto iluminado da pequena Violeta. Então, vagueou pelo seu palácio soturno, perguntando-se como se contentara com uma vida sem o amor e a luz do sol.

A pequena Violeta foi pranteada como morta na Terra das Fadas, tendo sido várias lágrimas derramadas, pois a gentil Fada era amada por todos, desde a Rainha até a mais humilde flor. Com

tristeza, eles tomavam conta de cada pássaro e cada flor que ela havia amado e se esforçavam para ser como ela, praticando o bem e falando palavras gentis. Usavam coroas de ciprestes e falavam dela como alguém que nunca mais tornariam a ver.

Assim, viveram em profunda tristeza até o dia em que veio até eles um mensageiro desconhecido, envolto por um manto escuro, que contemplava com olhos admirados o palácio iluminado e Elfos coroados de flores que o acolheram trazendo orvalho fresco e fruta rosada para refrescar o estranho fatigado. Então ele lhes contou que vinha da parte do Rei Gélido, que implorava à Rainha e a todos os seus súditos para ver o palácio que a pequena Violeta havia construído; pois o véu da névoa seria logo retirado, e como ela não poderia construir um lar mais belo do que o castelo de gelo, o Rei desejava ter seus parentes por perto para confortá-la e levá-la para casa. E, enquanto os Elfos choravam, ele lhes contou como pacientemente ela havia labutado, como seu amor indestrutível havia tornado bela e luminosa a cela soturna.

Essas e várias outras coisas ele lhes contou; pois a pequena Violeta havia ganhado o amor de muitos Espíritos Gélidos, e mesmo quando eles matavam as flores, ela se esforçava muito para trazer de volta a vida e a beleza, falava-lhes palavras gentis e procurava ensiná-los quão bonito é o amor. Por muito tempo ficou o mensageiro, e mais profundamente cresceu sua admiração por que a Fada tivesse deixado seu lar tão belo para trabalhar no palácio sombrio de um mestre cruel, sofrendo de frio e fadiga para dar vida e alegria aos fracos e oprimidos. Quando os Elfos prometeram que iriam, ele disse adeus à feliz Terra das Fadas e correu triste para casa.

Por fim, a hora chegou, e fora de seu árido jardim, sob um dossel de nuvens escuras, sentou-se o Rei Gélido diante do muro enevado, atrás do qual se ouviam sons suaves e doces, como o farfalhar das árvores e o gorjear das aves.

De repente, em meio ao ar, surgiram várias tropas multicoloridas de Elfos. Primeiro, a Rainha, conhecida pelos lírios prateados em sua nívea túnica e a coroa brilhante no cabelo, e ao lado de quem voava um grupo de Elfos em carmesim e ouro, tocando uma música doce em suas flores-trombetas. Ao redor de tudo, sorrindo e com os olhos brilhando, alvoroçavam-se seus amados súditos.

Eles chegaram feito um bando de borboletas reluzentes de asas cintilantes e vestes multicoloridas faiscando no ar turvo; e logo as árvores desfolhadas estavam alegres, com flores vivas, suas vozes adocicadas preenchendo os jardins de música. Como seus súditos, o Rei olhava sobre os amáveis Elfos e não mais se admirava de que Violeta chorasse e esperasse por sua casa. Mais escuro e mais desolado parecia seu lar imponente, e quando as Fadas perguntaram pelas flores, ele se sentiu envergonhado por não ter nenhuma para lhes dar.

Até onde a vista alcançava, havia verdes árvores altas cujos galhos pendentes formavam graciosos arcos, através dos quais a luz dourada brilhava suavemente, produzindo reflexos brilhantes no musgo verde e espesso embaixo, onde as mais belas flores flutuavam no vento fresco e cantavam com suas vozes ternas, como é lindo o Amor.

Videiras florescentes dobravam as folhas leves ao redor das árvores, produzindo pilares verdes em seus ásperos troncos. Fontes jorravam águas cristalinas para o alto, e bandos de pássaros de asas prateadas voavam cantando entre as flores ou chocavam amorosamente em seus ninhos. Pombas com olhos gentis arrulhavam entre as folhas verdes, nuvens brancas como a neve flutuavam ao tímido sol, e a luz dourada, mais forte do que nunca, brilhava suavemente embaixo.

E então, através de longos corredores, veio Violeta, flores e folhas verdes alvoroçadas enquanto ela passava. Ao chegar ao trono do Rei Gélido, carregando duas coroas, uma de pingentes de gelo cintilantes, a outra de puros lírios brancos, e ajoelhando-se diante dele, disse:

— Minha tarefa está cumprida. Graças aos Espíritos da terra e do ar, eu fiz uma casa tão bela quanto as mãos élficas podem produzir. Vós deveis decidir agora. Sereis o Rei da Terra das Flores e receberéis minha querida família como seus amados amigos? Possuireis paz e alegria indestrutíveis e o mais grato amor de todas as crianças perfumadas da Terra Verde? Então, tomai esta coroa de flores. Mas se vós não podeis encontrar nenhum prazer aqui, voltai para sua própria casa vazia e habitai na solidão e na escuridão, onde nenhum raio de luz do sol ou de alegria podem entrar. Enviai seus Espíritos para carregar pesar e desolação sobre

a feliz Terra e conquistai para vós mesmo o medo e o ódio daqueles que iriam tão alegremente amar-vos e reverenciar-vos. Então, tomai esta coroa cintilante, dura e fria como será o vosso próprio coração, se vos fordes excluir tudo o que é luminoso e belo. Ambas estão diante de vós. Escolhei.

O Rei olhou para a Fadinha e viu o quão adoravelmente os reflexos brilhantes se formavam ao redor dela, como que para protegê-la de qualquer dano; os pássaros tímidos se aninhavam em seu peito e as flores cresciam mais belas, conforme ela as observava; enquanto suas gentis amigas, com lágrimas nos olhos brilhantes, juntavam as mãos suplicantes e sorriam para ela.

Pensamentos gentis inundaram sua cabeça, e ele se virou para avistar os dois palácios. O de Violeta, tão bom e belo, com suas árvores farfalhantes, o céu calmo e ensolarado e pássaros e flores felizes, todos criados por seu amor e cuidado pacientes. E o dele, tão frio, escuro e soturno, seus jardins vazios, onde nenhuma flor poderia desabrochar, nenhuma árvore verde viver, nem pássaro cantar; tudo desolado e turvo. Enquanto ele olhava, seus próprios Espíritos, valendo-se de seus mantos, ajoelharam-se diante dele e rogaram-lhe para que não os enviasse para destruir as coisas que as gentis Fadas tanto amavam.

— Nós servimos-vos por muito tempo e fielmente — disseram —, dai-nos agora a nossa liberdade, para que possamos aprender a ser amados pelas doces flores que machucamos por tanto tempo. Concedei a prece da Fadinha e deixai-a voltar ao seu próprio querido lar. Ela nos ensinou que o Amor é mais forte do que o Medo. Escolhei a coroa de flores, e nós seremos os mais fiéis súditos que vós jamais tivestes.

Então, em meio a uma explosão de música doce e selvagem, o Rei Gélido colocou a coroa de flores em sua cabeça e se ajoelhou diante da pequena Violeta; enquanto ali e acolá, sobre a extensa Terra Verde, soaram vozes de flores, cantando em agradecimento à gentil Fada, e o vento de verão estava carregado de perfumes, que enviaram como prova de gratidão; aonde quer que ela fosse, as velhas árvores se inclinavam para envolvê-la em seus finos ramos, flores encostavam seus rostos suaves contra o dela e sussurravam bênçãos; até mesmo o humilde musgo se curvou sobre seus pezinhos e os beijou quando passaram.

O velho Rei, cercado pelas felizes Fadas, sentou-se no adorável lar de Violeta e assistiu ao seu castelo gelado derreter sob a resplandecente luz do sol. Os Espíritos, agora não mais frios nem sombrios, dançavam com os Elfos e aguardavam o seu Rei com amorosa avidez. Mais forte brilhou a luz dourada, mais alegres cantaram os pássaros e as vozes harmoniosas das flores agradecidas, soando sobre a Terra, carregavam novo júbilo a toda sua amada gente.

Brilhou mais forte a luz dourada;
Sobre o fresco vento que vinha
Tons doces e suaves das flores,
Cantando o nome da florzinha.
Entre troncos, sussurrado era,
E ondas claras o carregavam
Às sós silvestres flores,
Onde as boas novas ficavam.
O Rei Gélido perdeu o reino,
E o poder de danar
Ela venceu, e o peito dele
Quentou com seu cantar e amar;
E a casa dele, outrora triste,
Leda com Elfos e floreio,
Trouxe júbilo infinito
Por todo tempo veraneio.
Pois a magia de Violeta,
Afastou toda escuridão,
Com flores e alegria repleta
Tons áureos permanecerão.
A missão da Fada findou,
Tudo de Feéria foi falado
O “Poder do Amor”, gentil feito,
Por Violeta foi forjado.

Quando Cachos Ensolarados terminou, um outro pequeno Elfo veio à frente, e assim o conto “Asa Prateada” foi narrado.

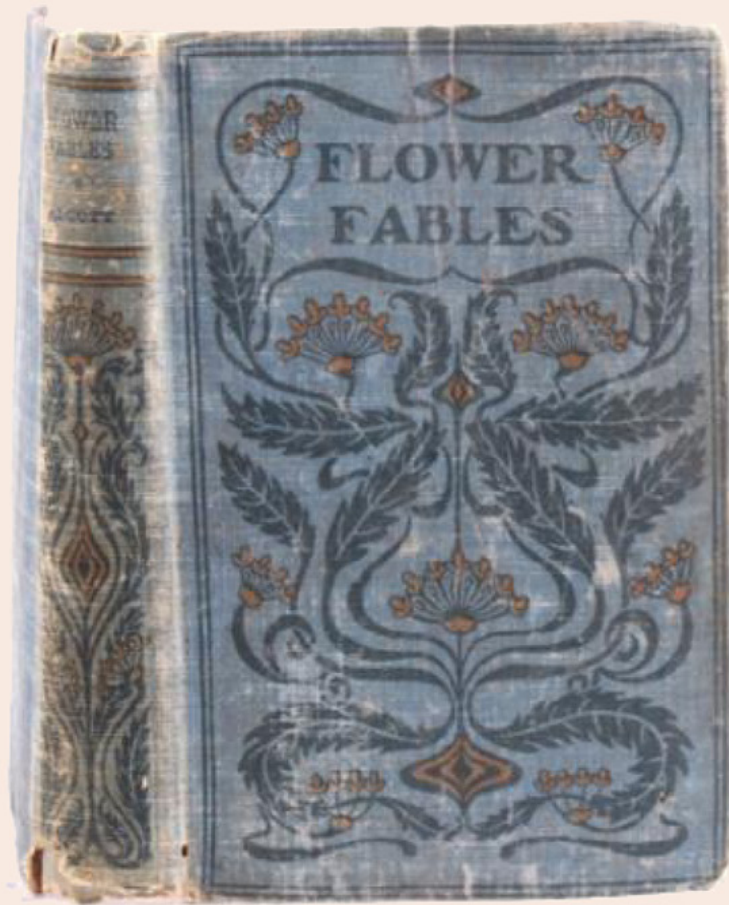
The End

**Deixe sua
avaliação
no Skoob ♥**

Busque por
O Rei Gélido

Participe do Grupo

Muitos leitores da SRL já estão lá!
Participe do grupo no Discord em
<http://bit.ly/discordsrl>





Louisa May Alcott

Foi uma escritora, contista e poeta norte-americana, que se dedicou principalmente à literatura juvenil. Criada na Nova Inglaterra, Louisa cresceu em meio aos intelectuais de sua época, como Ralph Waldo Emerson, Nathaniel Hawthorne, Henry David Thoreau e Henry Wadsworth Longfellow. Ficou internacionalmente conhecida por seu romance *Mulherzinhas*.

Profissionais que trabalharam neste conto



Cristina Casagrande

TRADUÇÃO

Escreveu *A Amizade em O Senhor dos Anéis*, é tradutora e doutoranda em Tolkien. @criscfs @tolkienista



Meggie Monauar

PREPARAÇÃO

Preparadora e revisora de texto, sua utopia é a palavra exata. Vive em São Paulo.

FB: [@mcm.simpson](#)



Camilla Mayeda Araki

REVISÃO

Revisora, redatora e empreendedora. Sempre em busca do sentido da vida e das palavras.



Débora Mini

ILUSTRAÇÃO

Ilustradora mineira.
Trabalha com livros
infantis, didáticos e
artes para animação

@debora.mini



Marina Avila

PROJETO GRÁFICO

Produtora editorial e
fundadora da Wish.
Trabalha com capas e
diagramações.

@marinalivros



Valquíria Vlad

**GERENTE DE MARKETING
E EDITORA-ASSISTENTE**

Escritora, pesquisadora
e publicitária formada
pela Universidade
Federal do Ceará (UFC).

@valquiriavlad



Josi Santos

MEDIAÇÃO

Josi é professora
formada pela UECE e
mediadora dos grupos
da SRL. **@josilenesants**

**Fique ligado e receba no
próximo mês!**

O livro de Outubro está atracando...

O livro digital do próximo semestre já está em revisão.

É uma obra de ficção e aventura - uma das maiores já traduzidas pela Wish até hoje!

Muito obrigada por apoiar este financiamento cofetivo!

Neste mês foi possível viabilizar a curadoria, tradução, revisão e ilustração do conto *The Frost-King*! A cada mês de assinatura, a Wish continuará resgatando os tesouros do passado em novas edições para os caçadores das Relíquias Literárias.

Vamos resgatar estes contos raros juntos?

Relíquia 018/Set 2021